

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS: MEMÓRIAS DE UM REPÓRTER DO CORREIO MERCANTIL?

Cecília de Lara

1. A Obra e a Crítica: Mais uma Abordagem?

Quando fomos levados ao contacto com a fortuna crítica da obra de Manuel Antonio de Almeida, verificamos que poucos nomes ligados aos estudos literários brasileiros deixaram de abordar de alguma forma o famoso romance, essencial para quem queira conhecer as raízes de nossa ficção. Eu, por minha parte, cheguei a ele através de Antonio de Alcântara Machado, que de algum modo tem posição paralela a Manuel A. de Almeida, resguardadas as circunstâncias de época, local, etc. que caracterizam suas narrativas: a busca das camadas populares, a ligação com a vida de suas respectivas cidades, o vezo da ironia ou da sátira, e principalmente, o uso do veículo comum — o jornal, ao qual ambos se ligaram visceralmente, a ponto de se sentir traços desse meio mesmo na obra reelaborada, como livro. Sem me deter nesse tipo de análise, que não era meu objetivo na ocasião, aprofundei-me na questão do romance de Manuel Antonio de Almeida escrito para o jornal, editado originariamente sob a forma de folhetim, entre matéria de outra natureza, que constituía o seu contexto natural na época, principalmente para o leitor contemporâneo do *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro.

O fato de ter sido encarregada da edição crítica para a coleção BULB dirigida por José A. Castello, editada pela LTC em fins de 1978, permitiu-me contacto directo com toda a crítica que tem sido escrita sobre a obra e uma convivência muito próxima com o texto de Manuel A. de Almeida. Sem pretender escrever um estudo a mais sobre o romance em si, magnificamente interpretado em trabalhos indispensáveis como o de A. Cândido que reproduzi em apêndice na edição crítica citada, e

nas cuidadosas observações de Darcy Damasceno, que tão agudamente examina os processos de reelaboração do texto do folhetim para a primeira e única edição em livro, ou nas perspicazes análises de Walnice N. Galvão da estrutura da narrativa das Memórias, quando passam, na segunda parte, a constituir, de fato, um romance — estudos todos que arrolei na bibliografia¹ final à edição que preparei — quero, no entanto trazer à tona alguns resíduos, que normalmente ficam, quando se empreende uma pesquisa demorada sobre um assunto. E o que me restou nas mãos foram muitos dados relativos ao folhetim, publicado na “Pacotilha” — espécie de suplemento do Correio Mercantil, na segunda metade do século XIX.

Não vou retomar a quase polêmica que se nota entre os críticos que se preocupam com a rotulação da obra: precursora do Realismo, filiado à picaresca, com traços do romance histórico do Romantismo, romance de costumes preso à tradição popular brasileira, derivada da novelística francesa dos séculos XVIII e XIX... A obra, na verdade tem um pouco de tudo isso-aberta, como é, a vários tipos de incursões, que podem escolher nela os dados que melhor comprovem hipóteses prévias. Mas, felizmente, apesar de tudo tem escapado ilesa às tentativas de interpretação fechada e continua interessando por si mesma, lida por gerações e gerações, sem que se precisem fazer concessões, por se tratar de produção de mais de um século.

Vejam-se as inúmeras edições populares, resumos, adaptações ao teatro, à história em quadrinhos, sem faltar, mesmo, um samba enredo. Recentemente, foi transformada em ópera², e bem que a televisão e cinema poderiam ter já descoberto a riqueza plástica das cenas dos festejos populares, o colorido e vivacidade dos quadros e dos personagens do Rio do século passado-prontos a se reanimarem ante os olhos atuais.

Apesar da visão multifacetada que a crítica sobre a obra oferece, acreditamos que há um ponto que merecia uma consideração maior — e isto nos motivou, uma vez mais, a tomar a velha obra de Manuel Antonio de Almeida como objeto de atenção. E foi a versão primitiva, o folhetim, lido no contexto do jornal, como matéria ligada ao noticiário do dia a dia que nos pareceu importante, oferecendo dados para uma complementação dos estudos até então realizados.

O convívio com os textos sobre as Memórias mostrou-se, portanto, uma brecha, pouco explorada. Nenhum dos estudiosos se preocupou de modo mais direto com o veículo para o qual a versão primitiva foi composta — o jornal. E poucos conheceram diretamente a folha satírica e de amenidades — “Pacotilha” — espécie de suplemento do Correio Mercantil do Rio de Janeiro, na década de 1850.

Nossa proposição é simples, e não se enquadra em nenhuma linha identificável entre as várias correntes nos estudos literários. É fruto de observação de pesquisador, que oferece subsídios que confirmam ou negam algumas das asseverações das críticas já existentes. Mas, não deixam de ter o seu lado curioso e de interesse

¹Ver bibliografia em apêndice à edição crítica, publicada pela Ed. LTC, Rio de Janeiro, 1978, Col. BULB.

²A ópera, de autoria de Francisco Mignone foi apresentada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em Dezembro de 1978.

para quem goste de ter dados que permitam afirmações fundamentadas. O que nos propomos é apenas o exame do contexto jornalístico no qual se inseriram as *Memórias* como folhetim e captar, já em sua transposição, a realidade social e histórica do momento, com suas implicações naturais de público, interesses da direção do órgão, das pressões e limitações que possam ter atuado de algum modo na gênese e na elaboração do texto do folhetim como matéria de jornal. Ficamos portanto apenas com o contexto jornalístico imediato que circunda diretamente a obra em sua versão primitiva e que de algum modo, ainda que num nível superficial, tenha deixado traços visíveis no folhetim e mesmo na edição posterior, em livro.

2. O Folhetim na Pacotilha

Seguindo a ordem do interesse circunstancial a partir da localização dos capítulos do folhetim é que tomamos ciência do suplemento — “Pacotilha”. E logo nos chamou a atenção o fato de que os capítulos das *Memórias* se apresentavam em colunas que, de certo modo, se destacavam no início pelo título geral e o subtítulo do capítulo; mas, no final nem sempre havia algum sinal gráfico que indicasse a passagem para outro tipo de matéria — procedimento, aliás, comum a outros romances publicados em série, em jornais antigos³.

Isso nos sugeriu que poderia ser enriquecedora a leitura de cada capítulo no contexto da página, passando naturalmente de uma matéria a outra, como seria normal a um leitor da época. E realmente adquirimos uma outra visão do folhetim, e pela primeira vez lemos algumas indicações sobre os capítulos que apareciam fora, em outras partes da folha. Assim, por exemplo, a Introdução, espécie de editorial deste jornal dentro do jornal, que era a “Pacotilha”, tecia alguns comentários breves sobre o folhetim cuja publicação se iniciava; o leitor, quando se dava conta, era conduzido diretamente à leitura do folhetim, anunciado também, no sumário, que trazia o título do capítulo e mesmo algum comentário para despertar o interesse: “história de um célebre meirinho no tempo do rei”, esclarecem ao anunciar o capítulo na Pac. 73.* Na Introdução há maiores detalhes, pois ao se justificarem pelas efemérides dizem: “...ora, nós que começamos a escrever dia 23 nossa Pacotilha, a qual deve ser distribuída no dia 27 pela manhã, entendemos que seria bom exórdio ou introdução comemorar tais acontecimentos nos dias de seus aniversários, e continuar depois com a nossa tarefa semanal, como agora vamos fazer, dando princípio à publicação de uma história que não deixa de ser longa, por ter sido o seu princípio no tempo do rei, e acabar no que nos achamos. O título da obra é este:...” (grito meu). E segue-se o título, com a palavra “*Memórias*” em tipos ornamentados, que a fazem sobressair, e em seguida, abaixo, o capítulo I: Origem, nascimento e batizado.

Na Pac. 74 também se faz alusão à obra, na Introdução: “Nesta ocasião entre-

³David Salles — Primeiras manifestações da ficção na Bahia. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1973. p. 13.

*Nas citações da “Pacotilha” usamos Pac., abreviadamente, seguido do número do suplemento.

gou-nos o sr. Gregório uma carta, e dentro dela encontramos a continuação das *Memórias de um sargento de Milícias*. Diz-nos o correspondente que já tem escrito nove capítulos e que se Deus lhe der vida e paciência, irá ainda mais longe, e tem plano formado para uns *Mistérios do Rio de Janeiro*, — obra em que se empenha, conquanto não afirme a perfeição e muito menos conclusão, razão porque preferiu dar-lhe tal título”⁴. Forma jocosa, bem no espírito da folha, mas que traduz a intenção de manter o anonimato do autor e afastar a hipótese de que se tratava de jornalista também colaborador do *Correio Mercantil*.

Já na Pac. 75, apenas dizem: “Continuaremos agora como as *Memórias de um sargento de milícias* capítulo III/Despedida às travessuras.

Do sumário deste número consta unicamente o nome genérico do folhetim, sem menção ao capítulo. Daí para a frente parecem contar já com a motivação natural do leitor e não se fazem outras alusões, a não ser o mero registro do nome e número de capítulo, no sumário. E o local deixa de ser a coluna que se seguia à Introdução: o folhetim passa a ocupar lugar variado, até mesmo o verso da primeira folha-cientes de que o leitor o encontraria, por conta própria.

A inexistência de separação gráfica entre o folhetim e a matéria de outra natureza, no jornal, impelia, de certa forma à leitura de outros assuntos, além dos que motivassem mais de perto o leitor. Logo, o interesse pelo folhetim podia contribuir para a continuidade da leitura do suplemento e por sua vez a “Pacotilha”, em seu todo, captava a atenção de quem talvez não se interessasse habitualmente pela linha comercial do jornal o *Correio Mercantil*. Na Pac. 76 há um dado sobre este aspecto, quando demonstram preocupação em fazer com que a matéria “não seja monótona e desenhada”, pois “...procuramos agradar a todos (sobretudo as senhoras, por quem tem sido tão bem recebida a Pacotilha, o que de coração agradecemos.)”. Esse interesse do público feminino se justifica, por razões que apontaremos oportunamente.

A leitura dos capítulos dentro das páginas que os continham proporcionou-nos uma visão dinâmica da obra, mergulhada na corrente viva dos fatos cotidianos da cidade do Rio de Janeiro — e alguns outros pontos do estado — na época em que o autor escrevia seu texto e seus leitores contemporâneos acompanhavam o desenrolar dos episódios, nos primeiros anos da segunda metade do século XIX. Leitura que, paradoxalmente, acentua as características de ficção — ainda que presa ao ângulo do repórter que convivia com os fatos que narrava e deles retirava matéria para seus escritos. O que em nada contraria o romance romântico, que “provém da disposição de fixar literariamente a paisagem e os costumes, os tipos humanos”, como dia A. Cândido⁵. Tônica, aliás, do romance brasileiro de todas as épocas, que sempre manifestou a vocação da pesquisa da realidade humana, física, social do país.

Dessa leitura do folhetim em seu contexto, algumas hipóteses se levantaram

⁴ Alusão evidente à obra de Eugene Sue, *Os mistérios de Paris*.

⁵ Antonio Cândido — *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5ª ed. Belo Horizonte, Itatiaia — S. Paulo, ed. USP, 1975, v.2, p. 115, cap. III.

como dignas de investigação: primeiro, a idéia de que num cotejo direto, a matéria que constitui o estofo do folhetim surgiria como fruto da experiência da pessoa e principalmente do jornalista Manuel A. de Almeida. Segundo, que a posição do jornalista que participava dos acontecimentos e os canalizava para a "Pacotilha" diferia, em muitos pontos, da do escritor que iria transpor essa mesma realidade para a esfera ficcional.

Quanto a certos aspectos ligados ao veículo — no caso o de criar suspense, de um capítulo a outro, para prender a atenção do leitor, levando-o pela curiosidade a se tornar comprador assíduo do jornal; as chamadas diretas ao leitor, que se fazia cúmplice do autor e, portanto fiel seguidor do folhetim; a forma de adiantar relatos ou recorrer a pontos deixados atrás-recursos comuns à divulgação em série, hoje utilizados largamente pela novela de televisão, — tudo isto foi objeto de estudos genéricos, relativos ao folhetim como gênero⁶ ou diretamente aplicados ao caso específico das Memórias por Darcy Damasceno⁷. No folhetim tais recursos visavam a manter a constância dos leitores que havia angariado, mediante artifícios que se tornam estruturais, na composição do romance. Revelam, inclusive, o processo de compor, situação a situação, um texto aberto, pronto a ter seu rumo mudado, ou a ser alongado, conforme as circunstâncias. Vejam-se os relatos paralelos, a partir de um personagem — a história pregressa do barbeiro, padrinho de Leonardo, por exemplo. A certa altura um dos vizinhos que implicavam com as traquinagens de Leonardo, um velho, tem sua história anunciada — e no entanto este relato não se faz, no decorrer da obra⁸. Desaparecida a função circunstancial, de folhetim publicado em jornal e provavelmente escrito à medida em que se publicava, permanece no livro a marca deste tipo de composição, quando as chamadas ao leitor, as retomadas e anúncios perdem seu caráter de necessidade.

3. A Pacotilha no Correio Mercantil

Referências diretas a este suplemento são raras. Marques Rebelo, dos primeiros a interessar-se pelo autor, como escritor e como pessoa, fala da "Pacotilha", mas quase transcreve "ipsis litteris" palavras de Bethencourt da Silva, amigo e contemporâneo de Manuel Antonio de Almeida, que prefaciou a edição de 1876. Segundo M. Rebelo, repetindo B. da Silva, "era publicação partidária, que se tornou célebre e temida pela pontualidade e pela crítica pungente, pelo vigor e pelo espí-

⁶Marlise Meyer — O que é, ou quem foi Sinclair das ilhas? Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, nº 14, p. 37.

⁷Darcy Damasceno de Brito — Afetividade linguística nas Memórias de um sargento de milícias. Revista Brasileira de Filologia, v, 2, T. II Dez. 1956, p. 155- 17.

⁸Ao se referir à vingança do menino Leonardo em relação à vizinha, diz o barbeiro: "agora falta-me aquele velho de defronte que também a acompanhou na risota; mas não faltará ocasião". p. 49, cap XI. No entanto, M. A. de Almeida não retomou o velho, como personagem de algum episódio.

rito enérgico de muitos de seus artigos”⁹. Informa, ainda, que era em prosa e verso, ocupou toda a primeira página do jornal, e durou cerca de três anos: nos últimos saía às segundas-feiras, atrasando-se não raro para as terças-feiras. Diz, também, que substituiu a página em francês da edição de domingo do *Correio Mercantil*.

Mas, a “Pacotilha” tinha outras características além dessas. Examinamos os suplementos de junho de 1852 a julho de 1853, época em que foram publicadas as *Memórias* e verificamos que além da primeira página inteira também o verso continha matéria do suplemento, e não raro em parte ou integralmente os capítulos do folhetim apareciam nessa segunda página. Na realidade a “Pacotilha” era uma espécie de miniatura de jornal dentro do outro jornal maior, o *Correio Mercantil*.

Tinha uma espécie de editorial, ou Introdução, seguida de seções fixas, colaboradores constantes, além da matéria feita pelos jornalistas. De cunho diversificado, procurava agradar aos mais diferentes tipos de leitores e captar faixas que não liam habitualmente outras partes do *Correio Mercantil* dedicado aos negócios, como o caso do público feminino, ao qual já nos referimos.

Mas, assim mesmo a “Pacotilha” mantinha-se fiel ao espírito do jornal maior, conforme apontaremos. É o que se evidenciou quando procuramos no dicionário o significado preciso da palavra “pacotilha”, assim definida por Moraes: “Quantidade pequena de fazendas que é permitido ao marinheiro embarcar no navio, por sua conta. A porção de gêneros que o passageiro pode levar consigo ao navio”¹¹. E não é só o título que nos remete ao universo do comércio — e comércio de importação, na medida em que se relaciona com mercadoria e navio. O contexto da folha é um contínuo desdobramento dos elementos dessa definição, de sorte que a idéia impregna todos os níveis de elaboração da matéria. Logo, de forma jocosa, metafórica, o suplemento se insere na linha comercial do *Correio Mercantil*. Dirigindo-se aos “fregueses”, conforme denominam os leitores, referem-se ao “patrão”, que é o diretor do jornal, às “mercadorias”, que são as notícias apresentadas e às “remessas”, que são as colaborações recebidas de fora. Falam de “futura”, “falência”, “credores”, e até o sumário se denomina, figuradamente, “fatura”, sendo que a “Pacotilha” se considera a si mesma e ao *Correio Mercantil* “ambas firmas mui distintas”: “Carijó & Comp. e Rodrigues & Comp.”

A forma de apresentar as notícias também obedece à mesma linha: “Aviam-se as encomendas aos fregueses”. (Pac. 74). E ainda: “Bom dia fregueses. Aqui estamos a vossa porta trazendo, como de costume, fazenda seca e molhada, fina e grossa, de linho e algodão, sedas e veludos; comprem o que for de seu gosto, não desdo-

⁹ Marques Rebelo, prefácio à edição de 1944, MEC.

Marques Rebelo (pseud. de Edy Dias da Cruz) — Vida e obra de Manuel Antônio de Almeida, RJ, INL, 1943.

¹⁰ O cap. 1 do folhetim surge a 27 de junho de 1852 e o último a 31 de julho de 1853. Utilizamos a coleção do *Correio Mercantil* do Real Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro.

¹¹ Antonio de Moraes e Silva — Dicionário de Língua portuguesa 8ª ed. revista e melhorada, 1813, Lisboa.

brem a peça cujo padrão lhes desmerece, dou-lhes e reconheço ampla liberdade de escolha, e fiquem certos que não lhes oferecemos alcaides, pois os gostos são diferentes, e quem do feio gosta é porque bonito lhe parece..." (Pac. 77).

Dentro do mesmo universo consideram o trabalho do jornalista ao elaborar o jornal: "Transes porque passa ao sábado o infeliz que tem de enfardar, coser, pôr marca e numerar todos fardos que no domingo têm que ser enviados aos fregueses..." (Pac. 75). Da mesma maneira são vistas as informações enviadas ao "Escritório", que acolhe denúncias de fatos que perturbam a vida da cidade. "Comecemos, amigos, pelas fazendas que ficaram guardadas nos armários; exponhâmo-las à venda quanto antes para que, passando a ocasião, não fiquem alcaides. Todo o cuidado com aquelas que pelo padrão possam atacar os bons costumes, ou sejam alusivas à vida privada dos indivíduos, marchemos à cautela, e nosso crédito mais se firmará": (Pac. 77).

As vezes a aproximação mercadoria-notícia surge mais clara: "Contentem-se os nossos fregueses com o pouco que lhe consignamos nesta remessa, pacote sem importância, pois a semana que acabou foi estéril em acontecimentos..." (Pac. 82) Aqui se fala mais claramente do objetivo de realizar a "crônica semanal", assim chamada na Pac. 84.

A transitoriedade da notícia, que exige a constante renovação, pois a novidade não sobrevive a mais de uma semana, também é mencionada, ao modo peculiar da "Pacotilha", que vê no jornalista: "...quem trabalha forçado pelas necessidades, para ganhar a vida vendendo trapos que se gastam com pouco uso, estampas que podem ser alegóricas, ferros velhos, que sempre se cortam e furam e alguma fazenda da moda por ser de uso da semana". E a variedade, indispensável ao noticiário jornalístico também é sugerida na mesma linha: "Quem como nós vende e compra ferro velho, tamanco, estopa, seda, veludo, brilhantes, pérolas; quem vai vivendo em seu armazinho, fazendo cortesia a todos os fregueses..." (Pac. 85)

Após o sumário — "fatura" — vinham os assuntos da semana, de cunho variado: efemérides, fatos políticos, locais ou de outras partes do país — Pará, Bahia, Paraíba, trazendo todo um clima de agitação, no qual a figura do Imperador é apresentada como meramente decorativa, ou utilizada por seus partidários para acobertar atos que pudessem desagradar, segundo denuncia a "Pacotilha". Menção direta ao Imperador só aparece em notas sobre acontecimentos sociais: espetáculos teatrais, festas religiosas, como as da Semana Santa, bailes do Paço. Nas notas políticas o grupo governante é chamado depreciativamente de "oligarquia" e conservadores e liberais, respectivamente, "saquaremas" e "lusias".

Não faltavam alguns queixosos, que se sentiam pessoalmente atingidos pelas críticas da "Pacotilha", e se as reclamações não chegavam a afetar muito o conteúdo da folha, em certa ocasião houve preocupação em camuflar os ataques mais diretos à situação política, provavelmente devido a alguma pressão. É o que se nota na Pac. 126 em "A frota política e a navegação" — na qual não se deixa de apresentar, embora metaforicamente, o quadro dos acontecimentos do momento, seguido da advertência: "Todos compreenderão as alusões que fazemos, bastantes para que se nos justifique a reserva que nos impomos, prescindindo do artigo político com que nos ocupamos todos os domingos, para tratarmos de outros objetos"

A “Pacotilha” se considerava como a “urtiga marinha”, por fustigar os outros. Mas seu objetivo era apontar problemas, sugerindo soluções e sanções. Consequências mais sérias não a atingiu, segundo declara: “Como porém nem o Sr. Promotor Público chamou-nos ainda aos tribunais, nem o sr. bispo, como o bom pastor, notou nossos pecados e aconselhou-nos arrependimento, iremos nosso caminho, censurando e deleitando, e podemos dizer coibindo abusos”. (Pac. 76)

Se era comum a queixa pelo excesso de acontecimentos a serem comentados, às vezes ocorria o contrário. E há um curioso exemplo de como remediar a falta de fatos semanais de interesse: chegam a transcrever uma descrição minuciosa do elefante, de um velho alfarrábio, com o intuito de preencher espaço. Os redatores alertam aos leitores, acostumados às alusões veladas e às metáforas; que nada havia por trás disso: “Não maliciem os fregueses, nem se esforcem para descobrir aplicação à atualidade: nenhum fim tivemos senão deleitar os meninos inocentes”. (Pac. 81). Blaque de tom surrealista, bem ao gosto de nossos modernistas e autores de vanguarda europeus.

Outro tipo de matéria permanente, quantitativamente significativa, é a contribuição de poetas, com versos satíricos e românticos, sendo colaborador assíduo o Poeta Vassourense. Notas sociais, com minuciosa descrição dos trajes femininos, nos bailes que se realizavam no Cassino, Sociedade Campestre, Sífides, Sociedade dos Militares e mesmo no Paço, inúmeras festas religiosas, com seu lado profano, tão ao gosto popular, e demais ocorrências da vida da cidade surgem nos noticiários e crônicas, que receberão maior atenção, a seguir.

4. A “Pacotilha” e a Vida da Cidade

Entre as secções fixas, o “Escritório” é de interesse fundamental, para nossos objetivos, complementada por dados avulsos do noticiário. A matéria dessa secção se apresenta como originária do contacto de leitores com o jornal. Queixas, reclamações, denúncias, oralmente e por escrito são ali acolhidas para que se tomassem providências. Nem sempre é transcrita diretamente a carta do leitor: o normal é que o encarregado da secção se dirija aos “funcionários” — Miguel, Antonio, Gregório — (nomes reais de jornalistas?) e transmita-lhes ordens para verificar a veracidade da denúncia e aplicar sanções, sugerindo, conforme o caso, a maneira de se apresentar — segundo a categoria do acusado e o tipo de falta apontada. Assim, nesta parte, que oferece um amplo quadro da vida do dia a dia da cidade do Rio e mesmo de algumas outras cidades do estado, também o espírito sugerido pelo nome “Pacotilha”, se faz presente: os castigos sugeridos são “enfardamento” ou “costurar com agulha enferrujada”, em bom ou mau couro, segundo a gravidade maior ou menor da acusação: “Espete a agulha maior e mais ferrugenta que tiver em Bentinho, ex-cadete reformado, o qual é conhecido por dentuça. Diga-lhe que se deixe de andar falando da vida particular, e tampouco fazendo vozerias pelo meio das ruas, tirando desordens com brancos e pretos.” (Pac. 128)

Através das reclamações conhecemos as condições de vida da cidade, que coincidem com inúmeros relatos de viajantes, que escreveram sobre o Rio de Janeiro do século passado. Pelo que comenta o jornal os problemas eram muitos: falta

de saneamento, pois não havia esgotos nem água encanada, falta de iluminação ou deficiência na conservação dos lampiões; falta de transporte, depois de certa hora, pois as seges se recusavam a trabalhar à noite e os frequentadores de espetáculos de teatro se viam obrigados a caminhar, no escuro, expostos a assaltos.

Reclama-se muito de animais soltos pelas ruas, cães barulhentos ou que atacavam os transeuntes, criação de porcos nos quintais, apesar da proibição.

Uma das questões mais dramáticas era a da febre amarela, que nessa mesma década de 1850 chega ao auge, interrompendo as atividades da cidade. Por volta de 1852 o jornal registra, na lista de mortos, marinheiros estrangeiros, além de pessoas da cidade, atingidos pela febre amarela; denuncia, como causa do grande número de vítimas entre caixeiros, as péssimas condições de vida dos empregados do comércio, mal acomodados em quartos sem ventilação no fundo de vendas e lojas. Médicos discutiam indefinidamente a questão e ainda não havia nenhuma solução, pelo desconhecimento da doença e sua transmissão. Moléstias infecciosas e intestinais, tuberculose, completavam a lista das causas mais comuns das mortes registradas no jornal o que nos permite relacionar o problema da saúde com o do saneamento inexistente. Outra constante é a reclamação contra a sujeira das ruas. A prática comum era o transporte das águas servidas em barris, que os escravos levavam à noite para esvasiar nas praias.

Mas, aproveitando-se da escuridão, nem sempre iam muito longe com sua carga indesejável — “tigres”, conforme a denominação popular — e se livravam dela na primeira esquina ou em algum terreno baldio: “...pois que todas as noites há quem julgue que esse lugar é praia”, diz a Pac. 110, denunciando o fato à Higiene, confirmando que a praia era o lugar apropriado para jogar detritos e lixo!

Quando não, os moradores dos sobrados atiravam diretamente à rua resíduos e águas servidas, sem mais delongas, com grande sustos dos passantes incautos, despreparados para banhos tão inesperados! “Recomende à família do 2º andar de uma casa da rua do Rosário, da rua da Quitanda para baixo, que se deixe de lançar tinas de águas sujas e mais alguma coisa na rua depois das 9 horas”. (Pac. 110)

E da tal monta era o problema do saneamento inexistente que até o Teatro Provisório, frequentado pelo Imperador, não escapava às críticas jocosas, que denunciavam problemas semelhantes: “Oh! da Polícia... Oh! da Municipalidade!... Oh! da Sanitária... Acudi com vossas providências e remédios!” Brados seguidos de conselhos aos frequentadores do teatro: “...ide de tamanco ou calçado de borracha, se não quiserdes banhos de ácido úrico aos pés”. (Pac. 77)

Além disso, problemas de maus tratos de empregados pelos patrões, de escravos, mulheres e crianças pelos senhores, maridos, pais. Era a época da proibição do tráfico, que no entanto se realizava clandestinamente em Angra. Ligado à diminuição da vinda de escravos desenvolvia-se certo tipo de instituição — a caça ao negro fugido ou perdido nas ruas, escuras da cidade — muitos deles da zona rural, que não queriam ou não sabiam voltar. O “pedestre” era um tipo de profissional dessa caça clandestina de negros, vendidos, também clandestinamente, a outros donos.

Sobre o tratamento dos caixeiros pelos patrões, há inúmeros exemplos de denúncias: “Vá a uma padaria do Livramento indagar como são tratados os caixeiros, e se até levam pancadas dos amos: o que porém quero saber com certeza é se

depois são despedidos sem serem pagos, completamente caloteados" (Pac. 76). No mesmo número, outro caso; "Ao C. da rua do Cano, que não é bonito o amo andar a jogar os socos com os seus caixeiros, quando estes têm toda a razão."

Já quanto aos maus tratos aos escravos há referências ainda mais deprimentes: "Um destes dias passados uma senhora, moradora na rua da Assembléia, castigando um seu escravo, chegou ao excesso de dar-lhe uma facada no braço! É este o resultado muito comum dos terríveis exemplos e preconceitos com que se alimenta a nossa educação familiar". (Pac. 117) Fato que parece se relacionar com a nota, sobre ocorrência atendida em hospital: "Também foi recolhido ao hospital Mateus, de nação Congo, escravo da Sra. D. Jesuína de Moraes Araujo Barbosa, moradora na rua da Assembléia, com uma ferida incisa no braço direito". (Idem)

Acidentes de trabalho, realizados sem a menor segurança também são registrados: "...vítima de uma grande pedra que rolou sobre ele, do que resultou ficar com ambos os pés e uma parte das pernas esmigalhadas, bem como assim o braço direito e outras contusões em diversas partes do corpo, sendo a mais considerável a da cabeça, onde havia depressão do frontal". (Idem)

O contraste se estabelecia com as notas sociais que ocupavam boa porção do espaço, referindo-se detalhadamente aos trajes das frequentadoras dos bailes e festas. As mulheres eram apresentadas, em certas crônicas, como num desfile de modas, com descrição de detalhes, tecidos, ornamentos, acessórios, de tal modo que não era possível repetir roupas sem dar na vista. (Pac. 84). Essa referência às mulheres que se destacavam e mereciam figurar nas crônicas motivava o público feminino, que nos dias seguintes às festas ia logo ver se seu nome figurava entre as dignas de menção. As vezes algum pai de família mais zeloso não gostava de ver citado o nome de suas filhas. Mas, isso não constituía o normal. De certa forma essa ênfase à elegância, nos salões, dava um bom incentivo ao comércio de tecidos, quando ainda se vivia a euforia das importações, havendo debates sobre o monopólio deste tipo de comércio, por parte de certas firmas.

Outras razões havia na época para justificar vida tão faustosa, mas de todos os modos é curioso este tipo de incentivo à vaidade num jornal endereçado a comerciantes¹².

Outra faceta da vida da época ventilada em longos noticiários eram as das festividades religiosas, de todo o ano. Associadas aos divertimentos profanos que com-

¹²Francisco de Assis Barbosa, *Achados do vento*, Rio de Janeiro, MEC - INL, p. 121: "A trégua política se seguiu após a grande luta que terminou com a extinção do tráfico negroiro em 1850. Perdendo o interesse o negócio de importação dos escravos, os capitais invertidos no nefando comércio tinham que ser aplicados em outras atividades, que viriam modificar por completo a fisionomia da vida brasileira, notadamente a vida da Arte. Logo depois da Lei Eusébio de Queirós aparece o decreto que regulamenta as sociedades em comandita. Surgem os bancos emissores, as companhias colonizadoras, as empresas de estradas de ferro. E, como consequência inevitável a especulação, a agiotagem, o falso luxo. Sensação ilusória de prosperidade, que Alencar reflete em suas crônicas do *Correio Mercantil*."

plementavam as cerimônias, constituíam a única oportunidade em que havia participação geral das várias camadas da população dos escravos ao Imperador.

Logo, sem sair da matéria expressa na "Pacotilha" infere-se que o Rio do início da segunda metade do século XIX apresentava duas faces apostas: uma clara, alegre, constituída pelo brilho dos saraus, nos quais imperava o luxo desmedido, pelas festas religiosas e populares, com demonstrações de fogos de artifício, pelas músicas e danças em festas barulhentas, nas casas e cortiços de ilhéus e ciganos. E a outra face opaca, da doença, da opressão, da sujeira. Contexto amplo que tanto é o pano de fundo das *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida como de *Senhora*, de José de Alencar e de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. Só que cada uma realiza um corte diferente na realidade social da época, na mesma cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século passado.

5. Os fatos na "Pacotilha" e os Eventos na *Memórias de um Sargento de Milícias*

O levantamento cuidadoso dos episódios que compõem a obra, a observação das peculiaridades dos tipos criados, e mesmo de certas posições de cunho moral, relativas à maledicência, ao comportamento do clero, etc., confrontados com os registros feitos na "Pacotilha" revelam um paralelismo absoluto.

É só remontar ao "Escritório", complementando com as demais seções da "Pacotilha", para constatar que M. A. de Almeida não precisou ir longe para ter à mão os elementos de que se utilizou para compor a trama do folhetim: podia se abeberar diretamente nas fontes da realidade de sua época, que tentamos captar no próprio contexto do jornal, do qual participou como jornalista e também como autor do folhetim.

A Maledicência e Outros Hábitos — Veja-se no jornal a presença da maledicência, por exemplo, um dos hábitos que parecem frequentemente no estofado da narrativa do folhetim: "Tome a sua bengala de camarão, e vá à rua da Imperatriz, a um célebre barbeiro que tem loja de uma porta só, e diga-lhe que será bom não dar tanto à língua contra o próximo..." (Pac. 110). E também: "munido de uma forte matraca dirigia-se à rua da Pedreira, casa de negócio, e diga ao dono que é preciso dar providência em sua casa: pois as noites reúne-se ali um número de maldizentes para criticar a vizinhança, entrando até na vida privada do homem probo e que vive com honradez, e proferindo palavras que a decência e a moral manda calar: no número desta reunião também entram os filhos do dono da casa." (Pac. 126). Além dessa há casos em que se propõem castigos aos maledicentes, dentro do espírito da "Pacotilha": "Faça sentir o ferrão de sua admirável agulha a A.A.A. para que ele deixe de se intrometer na vida alheia..." (Pac. 126). E na Pac. 102: "... vá a certa rua, e fale aquele pigmeu que é conhecido na vizinhança como Bico e Batoque por causa do seu furibundo nariz, e recomende-lhe que se deixe de dizer mal dos seus vizinhos..."

É bom lembrar que na "Pacotilha" os episódios do folhetim e as notas às quais estamos nos referindo ficavam ao alcance imediato do leitor, que podia fazer

ligações naturalmente entre fatos da realidade cotidiana, notícias de jornal e situações da obra, tal como tentamos restabelecer, artificialmente, com estas aproximações.

Se por acaso os hábitos que o autor retratava estivessem extintos, como quer às vezes afirmar, não sem ironia, ao menos as pessoas ainda existiam, sobrevivendo a um passado não muito remoto, no qual situa a narrativa. Bom exemplo é o da Via-Sacra do Bom Jesus, que não se realizava mais, no tempo da elaboração da obra. "Este ato, que satisfazia a devoção dos carolas, dava pasto a ocasião a quanta sorte de zombaria e de imoralidade lembrava aos rapazes daquela época, que são os velhos de agora". E após o relato minucioso das brincadeiras que aconteciam em meio da realização do ato religioso, arremata: "Era isto que naqueles devotos tempos se chamava correr a Via-Sacra". Mas, nem sempre aproximava as práticas antigas às ainda vigentes. Veja-se o episódio em que o velho Leonardo vai "tomar fortuna", na cabana do velho tido como feiticeiro. Chega, curiosamente, a suprimir no livro partes em que a comadre exerce seus dotes de "benzedeira" para curar o afilhado de um suposto "olhado", que teria lhe causado "quebranto". Mas, nos demais campos, há farta matéria na "Pacotilha", que também surge no folhetim e permanece no livro.

O comportamento dos professores é mencionado mais de uma vez: "Faça o favor de enfadar, na sua apreciável Pacotilha um dos professores da corte por dar tantos bolos nos discípulos" (Pac. 102).

Os namoros de rótula, os velhos que procuram impressionar moças, caindo no ridículo, e outros detalhes que também encontramos nas Memórias, como parte de seu universo, são comuns nas notas do jornal que em certa ocasião faz a advertência: "Diga-lhe que pelo Escritório constam coisinhas bastante feias a respeito de sua pessoa, que um velho gaitero é coisa muito ridícula, e que deixe os namoros para os rapazes. Que toda a vizinhança está murmurando, pois repara muito nas suas ações, que devem ser de homem sisudo e não de criança estouvada" (Pac. 110). Até nos termos há paralelismo com passagens do folhetim. Ainda quanto ao namoro, em muitas outras ocasiões a "Pacotilha" faz censuras: "Repreenda o patusco que tem armarinho e que todas as noites vai confessar em uma janela três irmãs, que isso não é só escandaloso para a vizinhança, como para quem passa, e mesmo porque o risco de cair no telhado algum vaso e acachapar a cabeça de tão terno amante, caso não se emende na seguinte Pacotilha se explicará melhor" (Pac. 131).

Embora no folhetim se diga que: "Isto de apelidos era no tempo desta história uma coisa muito comum; não estranhem pois os leitores que muitos dos personagens que aqui figuram tenham esse apêndice a seu nome", nas notas da "Pacotilha" se aplicam inúmeros apelidos, relativos às pessoas sobre as quais iniciam as queixas, revelando um hábito característico do espírito do carioca, em todos os tempos, não só no passado: assim, há reclamações, contra: Chico Mentira, Boca D'água, Dr. Nari-gudo, Toucinho, Pavão, Piolho-Viajante, Pássaro de Gaiola, Cabeça de Arroz, Sr. Globo Geográfico, Caroço, Bico e Batoque, Dentuça, Grilo, Caralinda, Arrasta-saco, José dos Papagaios, Par de Botas, Acode o peso. Outro modo de referirem às pessoas, além de apelidos e iniciais, era o de citar a profissão e o endereço; alfaiate, marceneiro, tanoeiro, tamanqueiro, caixeiro, dono de armarinho, farmacêutico,

médico, professor, pedagogo, padre, sacristão — fazendo-se menção às ruas: do Hospício, Ourives, Beco dos Aflitos, do Cotovelo, da Vala, do Fogo, do Regente, da Imperatriz, de Alcântara, Passadiço, Morro de Santa Teresa etc.

De passagem aparecem hábitos populares, ocasionalmente disseminados nas Memórias — como o uso de tamancos por homens, o de enfeitar janelas com colchas em dia de procissão, e até o de sentar nas sacas de mantimento à porta de armazéns, tal como Leonardo-Pataca encontra o malandro Chico-Juca. Mas a atitude da “Pacotilha” é, como sempre, de denúncia: “Ao Braga da Saúde, de que não consinta a certos marmanjos estarem assentados nos sacos de farinha e feijões que estão ao pé da porta...” (Pac. 76).

Divertimentos populares e vadiagem — Festas, algazarras, vadiagens, que povoam cada capítulo do folhetim são frequentes no noticiário da “Pacotilha”, sempre apontando tais fatos como incômodos, do ponto de vista dos que reclamavam ao jornal. A Pac. 114 diz: “Escreva, Sr. Antonio, ao sr. chefe da polícia e mande-lhe pedir em termos polidos mas enérgicos prontas providências a respeito do cortiço que existe no fundo da venda da rua do Hospício de Pedro II. Informe mais a S. Exa. de que os trabalhadores ilhéus que aí moram incomodam quase todas as noites até a madrugada a vizinhança com palavras obscenas e o sapatear de uma dança infernal e asselvajada. Informe a S. Exa. de que o dono da venda tem tratado com soberba indiferença as justíssimas reclamações dos vizinhos, sendo de nota que quase nos fundos de tal cortiço mora um inspetor de quartelão. Muitas vezes a tal brincadeira termina a paulada, e então vem reforçar o coro algumas grossas injúrias e impropérios acompanhados os murros e gemidos. É lícito a qualquer divertir-se em suas casas, mas não é lícito incomodar a vizinhança, e ainda injuriar pessoas respeitáveis e honestas. S. Exa. sem dúvida atenderá a tão justo pedido, providenciando a respeito.” (Pac. 114).

Não é preciso citar episódios do livro, pois quem o leu uma vez que seja, sem dúvida guardou na memória os episódios das festas em casa do velho Leonardo, por ocasião do batizado, a festa dos ciganos, da qual participa o menino Leonardo, a do aniversário da cigana, interrompida pela briga encomendada pelos ciúmes do Leonardo Pataca. O “sapateado infernal” devia ser o fado, e como sequência natural da festa, a algazarra, as brigas, e perseguição policial, tal como se dá na obra, com os malandros Chico-Juca, com Teotônio, e o próprio Leonardo, já granadeiro, desafiando o Major.

Sobre jogatina, vadiagens, “patuscadas” bem ao gosto de Vidinha e sua turma, que não raro também terminavam em bebedeira e confusão, atraindo, inevitavelmente o onipresente e incansável Vidigal, há registros na “Pacotilha” que se assemelham às situações da obra. “Chame a atenção do Sr. subdelegado do Sacramento para a casa nº... da rua do Regente, visto que a vizinhança é vítima de imoralidades que ali se praticam em consequência da grande jogatina que há continuamente.” (Pac. 114). E sobre barulho: “Na rua do Hospício, entre a rua da Vala e do Fogo, queixam-se de certa casa onde há algazarras depois das 10 horas da noite. Se justa é a queixa, prudente é o aviso.” (Pac. 76). Lembrando mais de perto a turma de Vidinha: “Reclame com urgência a S. Exa. Sr. chefe de polícia da corte uma patrulha permanente aos domingos no Morro de Santa Teresa, para impedir a súcia de vaga-

bundos e capoeiras que se juntam nesses arrebaldes para divertirem-se com quem passa; assim como estarem em desordem constantemente por causa do jogo". E mais esta nota: "... e peça a S. S. de nossa parte que dê providências contra uma súcia de vadios que não tendo ofício vivem de. . . fazer desaparecer as galinhas dos quintais alheios: julgo que S. S. já há de saber disso, pois que eles o fazem bem à vista." (Pac. 110).

A polícia tinha uma organização mais diversificada na época, pois no jornal mencionam-se delegados, subdelegados, inspetores de quarteirão, continuando ainda, como autoridade mais evocada no combate aos vadios e malandros o "Sr. Chefe da Polícia", não tão poderoso e arbitrário como o famoso Vidigal, figura histórica, que deixou fama¹³. Nem por isso na época do folhetim o chefe de Polícia deixará de ser o inimigo natural dos vadios, aos quais perseguia com o fim de lhes dar uma ocupação. Até a forma de arrebatar membros para o policiamento era o mesmo, na época em que se publicou o folhetim: veja-se esta nota da "Pacotilha", que relata um episódio de "recrutamento", da mesma maneira como Leonardo se viu, a contra-gosto, transformado em granadeiro: "Participa-se ao Sr. chefe da polícia que alguns agentes encarregados de recrutamento têm cometido abusos e violências. Sexta-feira um bando de guardas nacionais, permanentes e guardas fiscais, invadiram, ao som de injúrias e impropérios o templo de Nossa Senhora do Monte do Carmo na ocasião em que um sacerdote que se achava no altar dizendo missa elevava a hóstia sacrossanta. O motivo do insólito desacato era a prisão de um pardinho para soldado" (grifo meu) (Pac. 131). Censura-se o desrespeito ao local e à circunstância, mas não se manifesta estranheza ante o fato em si, ainda vigente da prisão de vadios para dar-lhes como ocupação o policiamento.

O castigo com chibata — que tanta celeuma causa entre as protetoras de Leonardo — a comadre, D. Maria, Maria Regalada — que intercedem, incorporadas, junto ao Vidigal, afim de livrarem o incorrigível Leonardo de tão humilhante castigo, era fato discutido no jornal, pois a "lei da chibata", seria implantada para ser aplicada aos militares que cometessem infrações. Assunto, portanto, momentoso, para os leitores da "Pacotilha", no tempo de M. A. de Almeida, que através do episódio do folhetim chama a atenção da opinião pública para um fato que estava ocorrendo. A Pac. 73 transcreve a opinião de um dos defensores da lei considerada como desonrosa: "O sr. Zacharias Goes, ministro da marinha, afiançou-nos que não se poderia prescindir, segundo a opinião de sábios escritores que leu, do chicote, azougue ou bacalhau (expressões de S. Exa.) em sustentação da disciplina à bordo!"

Críticas ao clero — No trecho referente ao recrutamento, feito na igreja, há um outro aspecto relevante, que diz respeito ao clero. "Se além do clero pela maior parte desmoralizado, concorrem também os agentes da autoridade para o descrédito do altar, em breve se transformarão os templos em salões de baile mascarado, diver-

¹³ Manuel Duarte Moreira de Azevedo — Pequeno panorama ou descrição dos principais edifícios da cidade do Rio de Janeiro, ed. Paula Brito, 1861-1867, 5 vols.

timento que na atualidade merece nossa atenção". (Pac. 131). Uma alusão, de passagem, que denota o aberto anti-clericalismo da "Pacotilha", que se revela em muitas ocasiões, também presente no folhetim: O Mestre de Cerimônias, o pregador que o substituiu, os sacristãos malândros, responsáveis pelas cenas de maior graça e comicidade ingênua, que até hoje divertem os leitores, estão longe de ter comportamentos condignos.

Desde a maneira inadequada de se trajar, até o comportamento moral, passando pelas críticas aos sermões mal feitos, o clero é alvo de denúncias e comentários na "Pacotilha", com maior veemência e seriedade que no folhetim. "Vista-se com decência, porque tem de tratar com o vigário de Bananal; faça-lhe sentir que nos consta por um correspondente nosso que S. Revm. não se apresenta vestido com aquela gravidade necessária em dias de festa." (Pac. 131). E até detalhes são notados: "Sr. Gregório, tome folha de papel e abra uma subscrição entre os Revms. de S. Pedro para comprar um par de fivelas, a ver se certo padre no dia da festividade da mesma igreja lá se apresenta com as mesmas: peça aos Rvms., que assinem por Santo Inácio." (Pac. 76).

Ainda nesse número fazem denúncias em forma de apelo: "Aquele minorista que não é bonito S. Rvma. andar sem coroa, e até muitas vezes com calças brancas; que nós pedimos por S. Zacarias que traje com a decência que pede o estado para o qual se prepara". (Pac. 76).

Há referências a cenas que até parecem vividas pelo Mestre de Cerimônias, nas Memórias: "À vista da queixa que se faz de certo coadjutor de uma freguesia que leva a tempo à janela da sacristia a fazer momices a certa menina de frente, de maneira que se torna escandaloso, lembra-me a quadrinha de nosso falecido padre Caldas:

"dizem que o Caldas não ama
Por ser padre, ora essa é boa!
Se ele tem uma alma terna,
Qu'importa que tenha c'roa" (Pac. 126).

Mas, nem sempre é bem humorada a crítica do jornal, em geral contundente e maliciosa, revelando posição anti-clerical, sempre denunciando desmandos que os leitores observam e o jornal acata. Na Pac. 117, por exemplo, vem a nota: "Indague com todo o cuidado como se passou o caso de ir um ministro do altar em pessoa insultar uma família e arrancar de seu seio uma infeliz que a ela se acolhera, tendo abandonado a companhia do dito reverendo em que estivera até então, pelos maus tratos que recebera". Mas, paradoxalmente, não aceitavam obras de censura ao clero: "Fora, fora com esses volumes sobre padres, que fumam e pagodeiam! S. Ex. Revm. que os repreenda se quiser!" (Pac. 131). Referência a alguma obra anti-clerical, que não mencionam diretamente.

Os sermões recebem sempre críticas, e é impossível não associá-las a passagens similares da obra: "Foi um verdadeiro sermão de penitência, magro de idéias e de incomensurável extensão; um verdadeiro fantasma de eloquência em que se disse tudo, menos o que se devia dizer, e que terminou esbofetando-se os ouvintes, que bem podiam dispensar mais esse castigo depois da tremenda maçada que acabava de

levar". (Pac. 113). E seguem observações, na mesma linha: "Pode-se ser um ótimo cristão, tão puro, caridoso e justo, e não saber aliviar duas idéias, e neste caso é melhor empregar o tempo em obras de misericórdia, em vez de procurar em vão uma imagem elevada, no meio de uma mal traçada narração do tremendo e sublime sacrifício do Calvário". (Pac. 113).

Por sua vez, representantes do clero que se ofendiam com as críticas contra-atacavam, recebendo novas advertências da "Pacotilha": "Ao Rvmo. cônego Nolasco, que quem muito fala muito erra, que é bom que não continue a blasfemar tanto contra a Pacotilha e que quando quiser ler a mesma mande comprá-la e não incomode tanto a alguém." (Pac. 76).

Leonardo e outros tipos — até mesmo as façanhas de Leonardo — sacristão encontram relatos paralelos: "Faça ciente aquele moço ruivo que na tarde de domingo estava de opa da irmandade do Sacramento à porta da sacristia da igreja de S. José a charutear, que não deu boa idéia de si" (Pac. 125). E até uma dupla, como a de Leonardo-Tomás de Sé é apontada nas notas: "Advirta aos dois sacristães da freguesia do Santíssimo Sacramento, e muito principalmente um que tem iniciais J. P. R., dizendo-lhe que é muito reparado o seu procedimento; e não queiram transformar a casa de Deus em olaria" (Pac. 128).

As demais malandragens de Leonardo, mexendo com a vizinhança e com os transeúntes, se aproximam a referências nas notas da "Pacotilha", como o caso que já citamos de um tal Bentinho, vulgo dentuça, que é censurado pelo hábito de perturbar as pessoas "fazendo vozeria pelo meio das ruas, tirando desordens com brancos e pretos: que por ora é um pequeno aviso de amigo, porém, se continuar com as mesmas gracinhas há de ver o resultado". (Pac. 128). Até um detalhe, como o de atirar pedras, da qual se queixa a vizinha do barbeiro, padrinho de Leonardo, é objeto de comentário em uma nota: "Quem tem telhado de vidro...", na Pac. 125. E outros comportamentos, que também fazem parte da figura de Leonardo, como cabular aulas, para ficar se divertindo pela rua ou fazendo bagunça: "Não perca tempo, vá com toda a instância à rua dos Arcos, a certa casa, queixar-se mui rigorosamente de um certo indivíduo, que dizem ser estudante caloiro, que sábado insultou a um seu colega no meio da rua, por meio de nomes os mais obscenos e ridículos possíveis, a ponto de dar espetáculo às pessoas que passavam: diga-lhe que semelhantes palavras que teve para empregar em seu companheiro, nem em boca de moleque da rua se encontram, e quanto mais na de um estudante: por ora é unicamente um aviso; e ao depois se continuar, veremos..." (Pac. 125).

Os gaiatos, que como Leonardo, mexiam com as pessoas, são advertidos com a denúncia ao chefe da polícia: "ao mesmo tempo ao excelentíssimo que dê um ofício a certos melros que se reúnem todas as noites em um frade de pedra junto ao edifício do senado, e que contendem com todas as pessoas que por ali passam, até com famílias." (Pac. 125).

Outros tipos, como a comadre, as beatas, também aparecem no jornal: "E vós,

o beatas de mantilha, velhas corocas, baratas, alegrai-vos, chegou o vosso dia”¹⁴ (Pac. 78). Alguns detalhes da vida pregressa do barbeiro, padrinho de Leonardo, coincidem com dados sobre certa figura, um tal Ulisses, cuja biografia o jornal apresenta, com peripécias que surgem no folhetim: barbeiro, vindo de Portugal, participou de viagem em navio negreiro; por outro lado, Ulisses “cantava em língua de negro” — característica que somadas a outras, como as do mágico Bosco, mencionado no jornal, oferece elementos para compor a figura de Teotônio¹⁵, que ainda tinha outra peculiaridade: o amor ao jogo — o que lhe valia a perseguição sistemática do Vidigal. (Pac. 77 e 78).

Toda a história passada de Luisinha, órfã, adotada pela tia, após demanda com pretendentes a tutor motivados por sua herança: o noivo mentiroso e interesseiro José Manuel, as demandas infundáveis de D. Maria, encontram na matéria da “Pacotilha” muitos elementos comuns aos que compõem situações da obra. Várias denúncias são feitas sobre problemas de órfãos: “Existe na cidade de Campos um órfão que tendo 32 contos de réis vive na maior porcaria que pode ser. O juiz concedeu 4\$000 diários e 3 escravos para o tratamento deste órfão; mas o bom do tutor pos o rapaz de caixeiro numa taverna, e chupa-lhe todos os anos dizem que mais de 2 contos de réis: entretanto o órfão parece um mendigo quando sai à rua. Roga-se ao senhor juiz dos órfãos que ponha as suas vistas sobre isso, e que sendo verdade, mude a tutoria para melhor tutor” (Pac. 77).

Há, mesmo, um caso paralelo ao de Luisinha: “Escreva ao Sr. Juiz dos órfãos pedindo-lhe toda sua atenção e cuidado sobre uma jovem de 17 anos de idade, a quem se pretende emancipar com o fim de se apoderarem de seus bens. Há quem espere de S. Ex. em vista de sua honradez e reconhecido zelo, enérgicas providências a respeito desta infame especulação, da qual não será difícil S. Ex. tomar conhecimento.” (Pac. 110).

Quanto aos procuradores e “rábulas” desonestos também há investidas: “Vá a uma cocheira a ali alugue um sociável, meta-se dentro, vá direto ao Rio Comprido, e procure lá por uma viúva que tem por procurador um célebre funileiro, e diga-lhe que é preciso tomar muito cuidado com o tal sujeito, pois pode ele fazer com ela o mesmo que fez com suas sobrinhas, que hoje estão lá pelas bandas da Praia Grande, obrigando-as a assinar certos papéis... que tira informações a respeito do cujo, que não hão de ser muito favoráveis...” (Pac. 102).

De teor semelhante é o aviso da Pac. 100: “Ponha os óculos de aro de tartaruga escreva pelo Correio de Cabo Frio aquela Sra. viúva que acautele com aquele rábula (olhe que aquele que foi pedestre em Lisboa em 1931 no tempo do rei chegou). Previna pois essa senhora sobre o tal sujeito, porque os precedentes são terrí-

¹⁴ J. Manuel de Macedo — Memórias da Rua do Ouvidor. Ed. Nacional, 1952. Na época era comum a designação de “baratas”, aplicada popularmente às mulheres que se cobriam com mantilhas negras.

¹⁵ Não sei porque razão Antonio Candido chama Teotônio de “Teotoninho Sabiá” no estudo citado a seguir. Acredito que não aparece nessa forma em nenhuma passagem da obra de M. A. de Almeida.

veis se não haja vista aquele inventariante que lhe deu uma procuração e o tal rábula foi lhe vendendo uma porção de terras; e que se não acode depressa o espertalhão tudo lhe comia”.

Curioso é que até o caso do “roubo” da moça — que a comadre arditamente atribuiu a José Manuel — também foi assunto das notas, conforme encontramos na Pac. 100: “Saiba que no dia 26, à 1 h da noite, foi roubada a jovem Isabel, a qual dizia ao nobre cavalheiro que a levou: ‘Vamos depressa, que aí vem mamãe’.”

Festividades religiosas — O aspecto sobre o qual existe maior riqueza de informações é o da festividades religiosas, noticiadas com pormenores, na “Pacotilha” através de várias secções, demonstrando o apreço que tinham por tais acontecimentos, também no tempo da redação do folhetim.

Era hábito a extensão dessas comemorações para o interior das casas, após cerimônias na Igreja ou procissões, nas ruas. Um sem número de festas deste tipo, descritas na “Pacotilha”, demonstra que M. A. de Almeida teve ocasião de participar pessoalmente de muitas delas. Missas cantada, novenas, semões, procissões, e seus prolongamentos profanos: leilões, bailes, finalizando com uma exibição de fogos.

O dia de Reis tinha comemorações especiais: grupos de pessoas cantando as canções específicas da data faziam “romarias”, pelas casas de amigos que tinham presépios: “As folganças da noite de Reis são entre nós tradicionais. E este ano parece que houve mais do que nunca furor dançante, e cantante. Na noite de quarta-feira, das 11 horas da noite em diante, não se ouvia senão soar instrumentos e vozes que mais ou menos afinada celebravam a chegada dos três soberanos do Oriente ao Presepe de Belém. Como os fregueses sabem, essas alegres romarias têm por estações casas de amizade onde sempre espera os cantores e instrumentistas lauta e suntuosa ceia.” (Pac. 110).

A festa de Sto. Antonio ganhou brilho invulgar na época, por coincidir com o cancelamento do feriado — o que despertou muita polêmica, pois no Largo da Mãe do bispo havia há 17 anos a tradição de se celebrar a data. “É certamente esta a mais pomposa festa de devoção que se faz no Rio: ‘Missa solene, Te Deum, serão, música em coreto, e para encerrar, o fogo de artifício’”. (Pac. 125) A Semana Santa também tem seus festejos relatados, inclusive o Lava-pés, realizado pelo Imperador: “Na quinta-feira de Endoenças S. M. o Imperador lavou o pé a doze pobres na sala do trono, beijando-lh’os depois de os haver lavado. A pragmática que regula essa cerimônia é de D. João IV de Portugal, e ainda hoje é fielmente observada.” (Pac. 113).

A festa de S. João também tinha comemoração condigna: “Mastros, foguetes, fogueiras, sarau e tertúlias nas casas para comemorar a data. Não há velha por mais rabujenta que seja, que na abençoada noite de S. João não desenrugue o carrancudo semblante e não viva algumas horas na saudosa memória com aquelas doces reminiscências das palavras que primeiro lhe fizeram bater seu coração de moça”. Trecho do noticiário do jornal que parece ser a evocação direta do encantamento de Luíza e Leonardo (Cap. XX, 2ª parte), quando crianças; admirando os fogos, após a procissão; como no folhetim “os meninos, que ao clarão de uma bem ateadada fogueira passam contentes e risonhos essas horas descuidadas e felizes da infância, que

depois deixam gravadas no coração tão profundas e queridas lembranças". (Pac. 126) Texto que bem pode ter sido escrito pelo mesmo autor, revivendo experiências pessoais, que o marcaram, tal é a semelhança do clima de lirismo e encantamento que envolve os dois relatos: o do jornal e o do episódio da infância de Luisinha e Leonardo.

As festas do Divino "depois de terem ficado enterradas desde 1847", na épopa do folhetim foram revividas com grande brilho: "Constou a festa de novenas, leilões, missas cantada, teatros, balões, mascaradas e um baile". Um missivista descreve a festa manifestando a estranheza por um detalhe: a presença de músicos pretos, cantando músicas do Pe. José Maurício. "Se fôssemos ouvir tocar uma marcha ou ouverture, diríamos que tínhamos gostado; mas as belas harmonias de nosso maestro estropiadas por péssimas vozes, saídas de fisionomias africanas, estão abaixo de qualquer crítica possível": Preconceito do missivista, que fala de festas na Igreja do Rosário — em geral, tradicionalmente dos pretos, e se esquece de que o músico que cita era mulato. Nas Memórias há uma banda de escravos, barbeiros, que dá um tom jocoso, com seus instrumentos desusados, à porta da Igreja, antes de se iniciar a solenidade.

Tantos são os detalhes descritos nas crônicas e noticiários da "Pacotilha" que bem se vê que o autor tinha muita ocasião de ainda participar pessoalmente destas festas, além de poder contar com dados de sua própria infância — quando a emoção da surpresa tingia de cores mais fortes as situações vividas pela primeira vez.

6. Noticiário e Folhetim da "Pacotilha":

Duas Perspectivas Diversas Ante a Realidade

Se o folhetim retratava a vida da época, também refletida no noticiário do jornal, o contrário também aconteceu, pelo menos numa ocasião; na Pacotilha 110, que publicou o cap. XXXV — Triunfo completo de José Manuel — quando se realiza seu casamento com Luisinha, há uma alusão clara, nas notas, ao episódio das Memórias. No Escritório lê-se logo no início: "Vista-se com uma farda de coronel de milícias, e vá com cuidado pelas imediações da rua do Cotovelo..." e logo abaixo: "... que um velho gaiteiro é cousa muito ridícula, e que deixe os namoros para os rapazes. Que toda a vizinhança está já murmurando, pois repara muito nas suas ações, que devem ser de um homem sisudo e não de criança estouvada. Além da menção à "milícia", que não ocorre em geral em outras ocasiões, nas ordens dadas no Escritório, há o uso de "homem sisudo, em oposição à criança, que surge igualmente no folhetim: "...José Manoel era um homem sisudo e de juízo, tinha corrido mundo e não era nenhuma criança..." (grifos meus).

Nos episódios finais dá-se algo parecido. "Empenhos" é o título do capítulo que conta como as protetoras de Leonardo vão pedir por ele junto ao Vidigal. (cap. XXII, 2ª parte). A certa altura diz o autor: "Já naquele tempo (e dizem que é defeito do nosso) o empenho, o compadresco eram uma mola real de todo o movimento social". Pois ao lado, na mesma face da folha da Pacotilha está, na coluna à direita, uma matéria do Escritório que se denomina "Edital" e que assim se inicia: "A câmara municipal da muito porca e imunda cidade de Empenhópolis manda que

se ponha em vigor as seguintes disposições para bem do povo rasteiro:..." Em 12 ítems se colocam como obrigatórios os comportamentos que continuamente são combatidos pelo jornal: a falta de higiene, a falta de luz, presença de animais nas ruas, vendedores com tendas pela cidade, etc. É curioso que justamente o capítulo que se denomina "Empenhos" surja ao lado dessa crítica à cidade, sob o título de "Empenhópolis".

Mas, estes não são casos frequentes. O paralelismo entre os fatos da época e os eventos do folhetim se dão, em termos gerais, sem ligação imediata ou cronológica. A aproximação só demonstra que à medida em que o autor escrevia ocorriam fatos de cunho semelhante, no dia a dia. Evidentemente muito do noticiário que citamos deveria constituir matéria mais ou menos constante dos jornais, da época um pouco anterior, contemporânea, ou pouco posterior. Não quisemos afirmar que a trama do folhetim tenha se derivado das notícias, mas a coincidência merece atenção.

O que não se pode negar, após os exemplos que apresentamos, e que não esgotaram o levantamento realizado, é que o folhetim fuja à tônica do noticiário do dia a dia sobre o Rio de Janeiro de então. Mas, muito diverso é o ângulo assumido pelo romancista e pelos jornalistas da "Pacotilha" — entre eles o próprio M. A. de Almeida. No folhetim a matéria que constitui o estofa das Memórias, compondo a trama, os tipos, é vista de dentro para fora, como se o relato fosse feito por um observador participante. Assim, as festas barulhentas, que terminavam em briga, as festividades religiosas, a intercessão de Maria Regalada junto ao Vidigal, os comportamentos de Leonardo, Maria Hortaliça, do barbeiro, a família e o grupo de Vidinha, em semi-marginalização, etc., tudo isto é apresentado sem traço de censura — no máximo um riso malicioso, um comentário jocoso, mais de convivência que de condenação. A simpatia — e mesmo a empatia de quem relata é perceptível, e anula, mesmo, o tom moralista, ou didático de algumas passagens, que recorrem à exemplaridade, como a das historietas medievais de cunho moral e religioso — as quais, apesar da intenção didático-moral expressa, eram os repositórios mais ricos de todas as imoralidades e vícios, que acabavam por constituir-se no principal atrativo, aos olhos dos leitores. Assim, por mais que Manuel Antonio de Almeida pareça desaproveitar certas atitudes de seus personagens, o que se dá na prática é a identificação do leitor com aquelas figura, que com raras exceções, como no caso de José Manuel, quase sempre são focos de toda a simpatia.

No noticiário da "Pacotilha" endereçado às camadas de nível social mais alto, as mesmas situações são objeto de censura, de denúncias, pois acolhia as queixas de leitores que adquiriam o jornal. O comportamento do povo, com suas danças barulhentas, algazarras e divertimentos, que perturbavam as classes mais altas, é o mesmo que aparece nas Memórias. Só que na "Pacotilha" os fatos emergem de modo indireto, decorrentes das reclamações dos leitores, que levam o jornal a solicitar a aplicação de sanções aos "infratores". Daí os apelos à própria polícia — quando entendem que sua ação está sendo negligenciada. Os divertimentos, namoros, a maledicência e outros comportamentos são fustigados como incômodos por uma camada social que tinha atitudes semelhantes, só que possuía meios para se resguardar da observação dos demais. Há notícias, na "Pacotilha", de bailes em clubes e

casas particulares. E nunca se registrou-queixa quanto a acontecimentos desse teor, fosse pelo barulho ou outra razão, como acontecia com festas do povo.

Essa classe socialmente mais alta não tem uma representação completa, no universo das *Memórias*, como se dá com a camada popular. Há mesmo um corte horizontal, que as separa — como se a população comum e a de nível mais alto fossem incomunicantes. Só Dona Maria, sua casa, suas roupas, fazem um arremedo de vida cortesã — já decadente, pois são resquícios de uma condição passada. A mentira, a maledicência, a hipocrisia, ganham requintes, no nível das relações de D. Maria — como o caso de José Manoel ou do tio que pretende ser tutor de Luisinha; a face belicosa, vingativa, rapinesca, das pessoas assume foros de legalidade, em demandas e disputas judiciais, nas quais ressaltam as atitudes duvidosas dos profissionais da justiça.

Por outro lado, houve seleção de eventos por parte do autor, ao compor o painel do Rio de Janeiro da época. É evidente que a essência dos valores em crise continua, como a hipocrisia pessoal e social, e acaba por vir à descoberto. De certo modo ocorre o mesmo com *Senhora*, de Alencar, que se passa em outro nível, embora um personagem também circule em duas esferas: Seixas, o marido adquirido por Aurélia, que participa da camada mais humilde por sua origem e família e leva a vida social, de bailes e diversões, ao nível dos ricos¹⁶.

Só um autor como A. Azevedo, imbuído de teorias realistas e naturalistas, irá captar a face opaca, dos dramas obscuros do cotidiano do povo. Em *O Cortiço* desnuda as relações de patrão e empregado, de dono de cortiço e moradores, de comerciante rico e trabalhadores. A ganância do imigrante, pronto a qualquer transação para enriquecer: o que lhe enfraquece e extermina escrúpulos morais, sentimentos mais nobres, relações de amor e amizade. E se não é a ambição é a própria aculturação, que solapa antigos valores e ameaça estruturas pessoais e familiares.

Assim, é a mesma matéria prima que se oferece aos três autores. E maior relação têm *Senhora* e *As Memórias de um sargento de milícias* por selecionarem, ambas, a face mais brilhante da vida da época, em planos diferentes, deixando, entrever, como espinha dorsal, valores em comércio, o que lhes confere o papel de obras que, de um modo ou de outro, põem a descoberto características mais profundas da sociedade brasileira, conforme demonstram análises de A. Candido¹⁷.

Manuel Antonio de Almeida, porém, não vai além da censura aos pequenos vícios pessoais, como a maledicência, a hipocrisia, as falsas devoções, indo um pouco mais longe na crítica ao clero, sem ter, propriamente, posição anti-clerical. Ataca quando pode os falsos moralistas que deslembados de sua mocidade são intolerantes para o comportamento dos mais jovens. Mas não estende a sátira a pro-

¹⁶ Sobre *Senhora*, de Alencar, ver p. 6-7 de *Literatura e Sociedade*, Antonio Cândido. S. Paulo, ed. Nacional, 1965.

¹⁷ Antônio Cândido-Dialética de malandragem. Caracterização das *Memórias de um sargento de milícias*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, USP, nº 8, 1970. Reproduzido em apêndice à edição crítica mencionada na nota (1).

blemas de maior alcance social, como os que mencionamos, excluídos totalmente da trama dos eventos da obra.

Narrando um passado que sem ser demasiado afastado era distante o suficiente para lhe conceder maior liberdade, Manuel Antonio de Almeida faz o jogo contínuo do ontem-hoje, sempre com o intuito de mostrar que, afinal, as coisas em sua época não estavam tão diferentes. Falamos do processo tal como se evidencia hoje, à leitura da obra.

Um dos casos em que se faz esse jogo passado-presente é relativo à maledicência, por exemplo: "Espiar a vida alheia, inquirindo dos escravos o que se passava no interior das casas, era naquele tempo coisa tão comum e enraizada nos costumes, que ainda hoje, depois de passados tantos anos, restam grandes vestígios desse belo hábito." Até ao nível estilístico se capta a dupla intenção de mostrar e disfarçar a crítica ao presente. Veja-se a expressão paradoxal "grandes vestígios" que utiliza para assinalar a plena vigência desse comportamento em sua época.

Quanto ao jogo temporal cabe aqui considerar um detalhe, que emerge da comparação dos textos do folhetim e da edição em livro: a mudança do tempo verbal, do presente para o Imperfeito, no capítulo inicial. No trecho: "Ora, os extremos se tocam, e estes tocando-se, fecham os terríveis combates das citações, provarás, razões principais e finais, e todos esses trajetos judiciais que se chamava o processo", na versão do folhetim está: "que se chama o processo". E em seguida: "Ninguém sabe que significação fatalíssima e cruel tinham estas poucas palavras! eram uma sentença de peregrinação eterna que se pronunciava contra si mesmo; queria dizer que começava uma longa e afadigosa viagem, cujo termo bem distante era a caixa de Relação..." No folhetim os verbos assinalados estão todos no presente: "é uma sentença:" "quer dizer que se começa;" "é a caixa de Relação." (grifos meus).

O leitor do folhetim, contemporâneo ao autor, se identificava imediatamente com tais situações, apresentadas como se ocorressem de modo idêntico na ocasião. Com a substituição do tempo verbal, no livro dá-se continuidade ao clima desencadeado com a frase de abertura: Era no tempo do Rei. Não parece ter havido, propriamente, intenção em se lançar para um passado extinto os fatos relatados. Já vimos como ocorre o contrário, isto é, o prolongamento, no presente, de alguns aspectos narrados como pertencentes ao passado. E isto revela, às vezes, a intenção de satirizar veladamente o presente, utilizando o passado como forma de atenuar a sátira, ou de o autor não se comprometer.

Trazer para o presente o fato ou mesmo o significado de um termo também se dá em momentos em que há certa intenção didática no autor, informando o leitor do que lhe possa ser estranho, fora de seu contexto, como no trecho: "Depois do minuetto foi desaparecendo a cerimônia, e a brincadeira aferventou, como se dizia naquele tempo..." "Preocupação que vai além do vocabulário, no exemplo a seguir: "O compadre trouxe a rabeça, que é, como se sabe, o instrumento favorito

da gente do officio". No jornal também aparece essa vinculação: "Mande indagar de umas pancadas que deram em Manuel Ribeiro por não querer tocar rabeca em um baile que houve no Campo Grande". (Pac. 77). Lembrete quase dispensável para os contemporâneos capazes de associar as duas atividades — de barbeiro e músico — mas índice útil para leitores futuros. Outro recurso que tem o objetivo de estender a crítica do passado para o presente vimos na alusão aos velhos, intolerantes, que em sua juventude se davam a comportamentos tão censuráveis quanto aos que reprovavam nos mais jovens.

Mas, permanece a dúvida quanto ao recurso contrário: o de aparentemente distanciar, afastando ainda mais no tempo, o relato, pela troca do tempo verbal. Mas, não se procurou, em absoluto, acentuar a idéia de passado extinto já que o tempo utilizado foi o Imperfeito-normal, na narrativa de ficção. A abertura — Era no tempo do rei — síntese altamente evocativa, cria antes a atmosfera, o cenário para a ação, antes de indicar tempo em si.

O emprego do tempo tradicional da narrativa indica outro distanciamento — o do plano da realidade. Isto pode ter levado o autor a estender o uso do Imperfeito, homogeneizando o tom, por um lado e por outro, acentuando a atmosfera do relato de coisas pertencentes a outra esfera, que não a da realidade objetiva. Isto não entra em choque com os demais recursos que vimos utilizado: o de denunciar o presente disfarçadamente, de modo mais sugerido que dito. O que, de certo modo, conferia ao autor liberdade maior de crítica.

No segundo momento fortemente evocativo, o da apresentação dos meirinhos, em sua fase de grandeza, novamente se adensa o clima que o início sugere. A figura do meirinho antigo é supervalorizada na comparação com o tipo conhecido na ocasião do folhetim.

Seria saudosismo do escritor, encampando a melancolia que tomou conta da corte, após os tempos áureos da presença do Rei no Rio?. Há uma emoção que não se oculta, presente na frase inicial e nestas passagens — que bem podem ser contribuição pessoal do autor, ao remontar a um plano quase irreal, recomposto pela imaginação trabalhando sobre os relatos que deviam ser numerosos, de quem viu os preparos para a chegada da corte, assistiu às festividades e seguiu os acontecimentos até o fim desse curto período que tanto impressionou os quem dele participaram¹⁸.

A identificação com os dois polos — o do entusiasmo com os tempos de grandeza, e o de melancolia, quando tudo volta à rotina, se reflete na comparação dos

¹⁸ IDEM — Manuel Duarte Moreira de Azevedo — O Rio de Janeiro. Sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades, Rio de Janeiro, Garnier, 1977.

dois estágios da figura do meirinho — no passado e no presente. A grandeza e a decadência da vida da corte, pela chegada e partida do Rei — nos tempo do Rei chegou segundo expressão usada na “Pacotilha” — impregna as descrições dos meirinhos. Mas, um leitor sem estas informações, distanciado no tempo, evidentemente é atingido de outro modo. O que se acentua é a dimensão da narrativa fabulosa, dos contos de fada, quando a imaginação se liberta, sem compromissos com o tempo, apresentando tudo como ideal, melhor e mais belo.

O entusiasmo contido do autor contamina o leitor — embora, talvez, numa direção diversa, conforme nosso ponto de vista. Dando-lhe asas à fantasia, o texto faz o convite sedutor para o salto da realidade para a ficção — não para o passado, mas para um plano intemporal. Era no tempo do Rei — sugere bem isto: a narrativa ancorada não no espaço, mas no tempo. Mas, um tempo não determinado que é muito mais ausência de tempo. Pelo menos para o leitor que não tenha presente, de imediato, a alusão histórica, como marco de um passado.

Paradoxalmente, embora a comparação do folhetim com a matéria da “Pacotilha” acentue suas relações com a realidade da época do autor, conforme exemplificamos longamente, tornando evidente o valor documental da obra, também permite saltar para outro extremo: o da acentuação do tom ficcional, que se intensifica no livro, com as alterações feitas pelo autor, que consciente ou inconscientemente parece ter desejado atenuar na edição em livro as ligações da obra com o momento; mas o que resultou foi o adensamento do clima de ficção.

E aqui retomamos a questão do autor — como repórter e escritor. Para quem vinha de uma camada humilde, filho de português, com sérias dificuldades econômicas, que sempre foram seu problema básico, até a morte, as situações da vida do povo, as quais se referem o folhetim e o jornal aproximam-se de sua vivência¹⁹. Por outro lado, frequentar os bailes, a vida da sociedade elegante, e mesmo as festas do Paço, devia trazer sentimentos desencontrados, de deslumbramento e revolta. Isto se nota em crônicas — infelizmente anônimas — e que não podemos saber se eram de M. A. de Almeida. De qualquer modo, participava destes acontecimentos e escrevia ou lia exatamente elogios aos ricos e poderosos e censuras ao povo, do qual provinha.

É curioso tomar algumas, das muitas alusões ao baile, visto como momentos de fuga à realidade adversa; “efeitos mágicos de esquecimento do mundo de que nessa ocasião parece que não fazemos parte, de adormecimento de tudo quanto é mágua no coração e idéias tristes na mente”. O baile resume toda a necessidade de fuga, de mundo ideal, de fantasia, de sonho, que fazem esquecer a realidade.

Talvez, em nenhum momento se tenha caracterizado tão bem o significado do baile como na Pac. 81, quando o Comendador Bahia abre seus salões numa noite fria e chuvosa. Ao entrar no salão tudo o mais se dissipava, ao olhos do cronista: “Des-

¹⁹Darcy Damasceno de Brito — Correspondência inédita de Manuel Antonio de Almeida. Revista do livro, nº 12, RJ, INL, Dez. 1958, p. 204.

de esse instante, tudo o mais foi para mim esquecimento do mundo, que lá fora ficava, da tempestade que burlara a festa, de enfim, para entregar-me inteiramente ao domínio das emoções agradáveis. As salas esplendidamente iluminadas aparecendo duplas, triplas, quádruplas, através de seus magníficos espelhos..."

A iluminação, os espelhos, criam a atmosfera de irrerealidade, semelhante ao sonho, e o contraste com o mundo de fora — escuro, chuvoso; parece mais significar a vida pessoal, individual com seus problemas, que se dissipam, temporariamente, em ambientes de luz, colorido, brilho. A imagem do espelho, refletindo uma realidade múltipla, traduz bem a idéia, que nos fica, de uma dimensão de devaneio, que afugenta a vida comum. Nestas crônicas e divagações sobre o baile, sente-se a atmosfera do Romantismo, que pode ser percebido de uma forma particular, de posse dos dados objetivos da realidade da vida do Rio, com todos seus problemas; realmente o ambiente dos salões era a experiência direta com a fantasia — sem a sujeira das ruas, sem doença, sem lama, sem negros fugidos, sem escuridão. E os lampejos das luzes, multiplicadas, dos sons e cores, oferecem contraste absoluto com as condições reais de vida, na ocasião, sem saneamento, sem água, sem melhoramentos mínimos, que tornassem a vida diária menos trabalhosa. Estas nesgas de claridade acentuam o pano de fundo denso: "Apesar de ser este mundo um verdadeiro vale de lágrimas, nele se goza em compensação alguns momentos de inefável alegria." (Pac. 76).

Os salões eram a ilusão da Europa, da civilização; as roupas estrangeiras, o luxo, apagavam distâncias e traziam para perto um mundo de fantasia e sonho. É o que se sente quando se descrevem as festas, na "Pacotilha", os bailes, os divertimentos: de certo modo o clima do Romantismo vem muito mais associado a estes momentos, dos quais o baile é o ponto supremo. Talvez se tenha ligado mais facilmente o Romantismo à esse tipo de vida quase européia nos salões, sendo mais difícil reconhecê-lo em ambientações diversas, em outras camadas sociais.

Mas, a certa altura, com a análise de tantos elementos que empreendemos, não fica difícil ver a obra de M. A. de Almeida no contexto literário do momento. E não pelo tratamento em si do que apresenta — muito próximo à realidade viva. Mas, pela seleção de fatos e aspectos, pela fuga do que comprometesse a ânsia de fantasia do leitor, não lhe pedindo para pensar, nem opinar, em busca de soluções, mas dando o alimento para sua diversão, distanciando-o de certas realidades que eram demasiada adversas. O autor preferiu, como se nota, não incluir em sua composição do vasto painel da vida popular do Rio do século passado, ingredientes que empanassem a face clara, amena, folgazã, de seus personagens de opereta. Momentos de diversão, situações curiosas e ridículas, porém nunca sérias, dramáticas e muito menos trágicas. E não é só a maneira satírica, humorística ou de comicidade ingênua que atenua a realidade. Há, realmente, omissão total de aspectos que pudessem preocupar o leitor da época ou arrastar os de hoje a reflexões mais graves, como os problemas urbanos, de saneamento, de saúde, políticos e sociais, como o do tráfico clandestino de escravos, dos maus tratos aos subalternos, da exploração de empregados

pelos patrões, enfim aquilo que poderia tocar de algum modo a consciência de cada um.

Não fossem os demais problemas, bastava a ameaça permanente da febre amarela — suficiente em si para justificar o temor que justificasse a fuga, pela fantasia, para esferas mais agradáveis. Como já aconteceu noutras épocas em outras literaturas, como o famoso *Decameron*, por ocasião da peste, na Itália.